

## RABISCOS DE UM ESCRIVINHADOR

(Nesta seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta publicação em "A Federação", jornal da vizinha cidade de Itu. Para identificação e referência bibliográfica, indicam-se as datas em que foram publicadas.

### 315. TRISTE FIM DE UM GRANDE SÁBIO FRANCÊS

Parece-me deveras estranho que o Visconde de Taunay, em seu precioso elenco de estrangeiros que viveram no Brasil e aqui prestaram serviços de qualquer espécie, publicado primeiramente na Revista do Instituto Histórico Brasileiro (1892) e muitos anos depois (1932) tirado em livro pelas Edições Melhoramentos, tenha omitido o nome de um compatriota de seu pai, Aimé de Bonpland, nascido na histórica La Rochelle em 28 de agosto de 1773 e falecido numa das missões do território de Corrientes, Argentina, em 11 de maio de 1858, com quase 85 anos, na maior parte dedicados à pesquisa científica, particularmente à botânica. Figura no velho Garraux apenas com um título, publicado em colaboração com o grande Humboldt, em cuja companhia viajou pela América do Sul em fins do século XVIII e início do XIX.

Esta circunstância de companheiro de Humboldt valeu-lhe certa notoriedade, como o faz notar Avé-Lallement quando descreve a visita que lhe fez em São Borja. Não figura em Raeders e nem no clássico Sacramento Blake. Quem dele melhor cuidou foi Abeillard Barreto, que lhe dedicou várias páginas, inclusive com extensa bibliografia de e sobre ele, em sua preciosa "Bibliografia Sul-Riograndense".

Após as viagens com Humboldt, voltou à América do Sul, estabelecendo-se nas missões jesuíticas, entre os rios Uruguai e Paraguai.

Aprisionado por França, em 1821, foi libertado dez anos depois, passando a viver, então, no Brasil, notadamente em São Borja, onde permaneceu por mais de vinte anos.

Nos seus últimos tempos, voltou à Argentina, falecendo na mencionada missão de Corrientes. Dois viajantes que percorreram o Rio Grande do Sul, Alfred Demersay e AveLallement, deixaram páginas comovidas relatando a visita que fizeram ao grande sábio, frustrado, desenganado da vida, inteiramente pobre (quando, ao que parece, chegou a ter grandes posses), mas sem perder o interesse pelos estudos botânicos. Já quase ao fim de sua vida, escreveu preciosa memória sobre o cultivo da erva mate, no qual via excelentes perspectivas para a economia riograndense.

"Figura humana cheia de contradições, difícil de ser interpretada, mas espírito lúcido para a investigação científica", no dizer de Abeillard Barreto, muita coisa em sua vida parece obscura ou contraditória, deixando-nos de sua existência um vazio nada consentâneo com a imensa obra que realizou. Bonpland, diz ainda o saudoso escritor riograndense, é hoje uma figura "quase desconhecida no Rio Grande do Sul, lembrada no Uruguai e permanentemente reivindicada pela Argentina como seu cientista honorário". No entanto, Bonpland viveu apenas cinco anos na Argentina e mais de vinte no Rio Grande do Sul! Abeillard Barreto em sua "Bibliografia Rio-grandense" arrola mais de vinte trabalhos (biográficos e científicos) publicados na Argentina sobre o cientista francês, tão desconhecido no Brasil, no dizer do próprio Barreto.

Esse esquecimento foi, de certa maneira, atenuado graças ao Departamento de Botânica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que, em 1978, editou o "Diário da viagem de São Borja à Serra e a Porto Alegre", transcrito do manuscrito original. Uma única observação se poderá fazer a essa edição: é o texto de Bonpland não ter sido traduzido para a nossa língua. Mas, não chega a ser falha nem defeito, dada a ampla difusão da língua francesa entre nós. (09-08-1997)

\*

## 316. UM PIONEIRO DO PAULISTANISMO

A nota que tive oportunidade de publicar há algumas semanas nesta folha com o título "Paulistanismo necessário" alcançou repercussão bem maior do que esperava. Foi transcrita diversas vezes e em diversas publicações

e - o que é mais importante - sensibilizou algumas entidades culturais em torno do tema nela versado, qual seja a necessidade de estudar a História de São Paulo. Encerrei-a lembrando que, em outros tempos, nossa história foi devidamente ensinada nas escolas públicas e citei exemplos de pelo menos dois autores que publicaram livros com esse objetivo: Tancredo do Amaral e Rocha Pombo.

Apraz-me recordar algo sobre o primeiro deles, Tancredo Leite do Amaral Coutinho, literariamente conhecido apenas por Tancredo do Amaral, que é como assinava seus escritos. Nascido em São Paulo a 18 de fevereiro de 1866, faleceu em São Bernardo (atualmente São Bernardo do Campo) a 23 de julho de 1928. Diplomou-se pela tradicional Escola Normal da Capital, onde foi discípulo de Júlio Ribeiro, Silva Jardim, Godofredo Furtado e Monsenhor Passalacqua. Com tal formação e com tais mestres, não poderia deixar de ser republicano, tanto que, ao ser designado para uma escola no antigo Salto de Itu (a atual vizinha cidade de Salto), ali fundou um núcleo do Partido Republicano e passou a colaborar ativamente na imprensa ituana, sempre com escritos de doutrinação republicana. E ainda em nossa cidade, foi redator da "Tribuna Ytuana". Retornando a São Paulo, militou na imprensa por mais de quinze anos, especialmente no "Correio Paulistano" e em "A Platéia".

Decidindo-se bem mais tarde pelos estudos jurídicos, diplomou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo, tendo sido promotor público em Capivari e em Batatais e, depois, juiz de Direito em Santa Isabel, cargo em que se aposentou. Exerceu algumas funções públicas junto ao governo do Estado.

Para a divulgação da história, da geografia e da literatura paulistas produziu três livros: **A História de São Paulo ensinada pela biografia dos seus vultos mais notáveis (Alves, 1895)**, **O Estado de São Paulo (Alves, 1896)** e **Analectos Paulistas (Alves, também de 1896)**. Este, com denominação pouco usual atualmente (sinônimo de "antologia" ou "seleta") constituía-se numa seleção de quarenta excertos de autores paulistas ou radicados em São Paulo. Talvez tenha sido a primeira antologia paulista publicada e sua leitura; hoje, nos revela o critério de um verdadeiro educador, refletido na sabedoria com que escolheu os textos para o seu livro, destinado, como o título o diz, "para exercício de leituras das classes primárias adiantadas das escolas públicas do Estado".

A "História" foi dedicada a Cesário Mota Júnior, "o mais dedicado propulsor da instrução pública em São Paulo", a Silvio Romero, "um dos mais operosos e ilustrados escritores brasileiros" e, ainda, à memória de três historiadores de São Paulo: Machado de Oliveira, Visconde de São Leopoldo e Azevedo Marques, "paulistas notáveis, que legaram um precioso subsídio

literário para a história de sua terra". O livro trazia prefácio do Cônego Valois de Castro, professor de História do Ginásio do Estado e do curso anexo à Faculdade de Direito.

Apresentando o livro, dizia o ilustre sacerdote que, talvez ele não satisfizesse às exigências severas da crítica histórica, mas deveria "atrair a atenção e merecer a simpatia dos que se interessam pela nobre e humanitária idéia de espalhar e fortificar a instrução do povo". E louvava o estilo simples "como convém a uma obra didática", sem os atavios exagerados do romantismo, nem as "apreciações malevolentes do partidarismo cego, que sempre deturpam os caracteres e toda a verdade histórica". As biografias são dispostas em ordem cronológica e dentro do contexto histórico, após três capítulos de generalidades sobre a terra paulista. (16-8-1997)

\*

## 317. INSTRUMENTOS DE INICIAÇÃO LITERÁRIA

Seletas, antologias, florilégios, crestomatias, analectos... eis várias modalidades de excertos literários pelos quais muitas gerações de brasileiros iniciaram-se no cultivo de nossa literatura. A necessidade de consultar um desses livros, precisamente o que mais se usou nos ginásios do Brasil - a "Antologia Nacional", de Fausto Barreto e Carlos de Laet -, fez-me meditar sobre o valor desses volumes, companheiros inseparáveis de todo estudante ginásiano, numa época em que seu uso era, por assim dizer, obrigatório no ensino secundário e mesmo nos últimos anos do primário, como ocorreu no meu caso.

Os famosos livros de leitura da "Série Braga" (os melhores até hoje aparecidos no Brasil) ou os de Felisberto de Carvalho, pelas suas excelentes qualidades, já predispunham o aluno, mesmo no grupo escolar ou cursos primários similares, à boa recepção das grandes páginas da literatura nacional (e até da portuguesa) divulgadas por essas antologias.

A de Fausto Barreto e Carlos de Laet, a que me referi, teve sua primeira edição em 1895. Ampliada para edições posteriores, chegou até à década de 40 ou 50. Comportava autores brasileiros e portugueses e, como de praxe na época, só incluía autores já falecidos. Compreendia mais de cem autores, com excertos, desde o século XVI ao início do século XX, tanto em prosa como em verso, todos lidos e estudados pacientemente pelos estudantes que, não raro, sabiam decor os trechos mais famosos. O cuidado com que os

textos eram selecionados explica o interesse do livro, lido mesmo fora dos bancos escolares. Lembro-me, quando menino, de ter visto a "Antologia Nacional" em casas de amigos e parentes, independentemente de qualquer vinculação escolar.

Outra seleta que deixou saudades foi a "Antologia Brasileira", de Eugênio Werneck. Esta, como o título o indica, só reunia autores brasileiros, com a fotografia de todos eles, o que propiciava a nós, garotos de escola, a oportunidade de enfeitar com bigode, barba e óculos todos os retratos que não os tivessem... A seleção obedecia a critérios semelhantes aos da "Antologia Nacional".

Uma terceira antologia, de que bem me lembro, era a de João Ribeiro, intitulada "Autores Contemporâneos", publicada em 1896, e, como o título o indica, tratava de autores mais recentes (daquela época), pois para os mais antigos, o mesmo autor sergipano publicaria, alguns anos depois, a "Seleta Clássica", que não cheguei a conhecer.

Já andava com meu curso ginásial pela metade, quando apareceu a "Seleta Moderna", de Otoniel Mota. Esta, embora muito bem elaborada, não gozou nunca do favor dos professores e creio que nem mesmo chegou a ser reeditada. Mas, fiz questão de adquiri-la, pois havia estudado pelas "Lições de Português" do grande mestre do antigo Ginásio do Estado de Campinas.

Em nota anterior, fiz referências ao "Analectos Paulistas", de Tancredo do Amaral. Eis, portanto, alguns exemplos de antologias do meu tempo, às quais, especialmente às duas primeiras, fiquei devendo meu interesse pela literatura. Ainda hoje releio com emoção suas páginas. E muitas gerações de brasileiros poderão dizer o mesmo, pois, tais como eu, tiveram nesses livros o melhor instrumento para sua iniciação literária. (23-8-1997)

\*

### 318. "SAL FEITO DE TERRA"

Relendo, há pouco, a preciosa obra que o saudoso historiador paulista Ernani Silva Bruno dedicou à história regional do Brasil (volume sobre Minas Gerais), chamou-me a atenção uma expressão encontrada em documento sobre o comércio da Bahia com o território mineiro, pelo vale do São Francisco, nos tempos coloniais. Pelo rio São Francisco - diz o documento que, segundo Silva Bruno é pouco posterior a 1705 - "Ihe entram os gados de que se sustenta

o grande povo que está nas minas... da mesma sorte se provêem, pelo dito caminho, de cavalos para suas viagens, de sal feito de terra, de farinhas e outras coisas...". Esta, a expressão em tela: "sal feito de terra".

Referia-se o documento à existência, em grande quantidade no vale franciscano, de terrenos salitrosos, donde os criadores extraíam o sal para o seu gado. São conhecidos regionalmente por "barreiros" ou "lambedouros", pois o gado lambe-os, formando verdadeiros lamaçais. A toponímia da reunião documenta tais ocorrências: há, ali, um rio "Salgado", outro chamado "Salitre" e uma cidade denominada "Salinas". Ora, tais nomes não surgiram por acaso.

Bernardino José de Souza, em seu clássico **Dicionário da terra e gente do Brasil**, registra os dois vocábulos: "barreiro" e "lambedouro", fundamentando-se, para as diversas acepções em que eles são empregados, com escritores regionais que utilizaram bastante adequadamente os dois termos. Ou, então, estudiosos da língua que deles cuidaram. O Visconde Taunay, que também registrou o termo em Mato Grosso, diz que assim se chamam "as baixadas salino-salistroas muito procuradas pelos animais". Mais preciso, contudo, é Everardo Backheuser: "afloramento de rochas com eflorescências salinas, freqüentes em grande parte no vale do São Francisco, e das quais se extrai sal de cozinha chamado então 'sal da terra' e mais que esses 'barreiros' são muito procurados pelos animais domésticos ou selvagens para serem por eles lambidos a fim de se proverem de sal necessário à sua economia". Ao termo referem-se também Amadeu Amaral, Leonardo Mota, Raimundo de Moraes e Rodolfo Garcia, entre outros.

Aliás, diga-se de passagem, o sal (o marinho) constituiu sempre um grande e crucial problema na História do Brasil. Muitas lutas foram travadas pleiteando a abolição dos pesados impostos que o gravavam. Durante quase todo o período colonial foi monopólio de Estado, conforme exaustiva e excelentemente estudado por Myriam Ellis em erudito ensaio publicado pela Universidade de São Paulo, em 1955. Assim, a liberação do sal figurava no programa de quase todos os movimentos que marcaram nossa evolução. Rara a Câmara Municipal que não se movimentasse em torno do assunto.

Tão caro saía o sal (pois vinha de Portugal, sendo proibida a utilização de nossas salinas), que dizia Azevedo Coutinho ser o seu preço, no sertão, três e até quatro vezes mais caro que o do boi que ele devia salgar... Diante disto, tornava-se uma maravilha quando os criadores, nas suas andanças, deparavam com os "barreiros" ou "lambedouros", que os dispensavam da compra do sal marinho. Era o "sal feito de terra", a que referia o documento citado por Ernani Silva Bruno à página 65 de seu importante e interessantíssimo volume sobre Minas Gerais. Que merece ser lido, como todos os outros da preciosa coleção, pois neles se aprende muita coisa que não aparece nos demais livros de História. (30-8-1997)